

A FILOSOFIA DE NIETZSCHE NO MOVIMENTO GERMANISTA DO RECIFE E DO RIO DE JANEIRO NO FINAL DO SÉC. XIX E INÍCIO DO XX*

[Nietzsche's philosophy in the Germanist movement of the late XIX and early XX century in Recife and Rio de Janeiro]

Geraldo Dias¹

Resumo: O pensamento crítico brasileiro ainda desconhece a repercussão que alcançou a filosofia de Nietzsche na produção escrita de autores do movimento germanista, formado por intelectuais atuantes no Recife e no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX. Nesse sentido, no que concerne a recepção inicial da filosofia de Nietzsche no Brasil, contamos examinar a sua presença na produção escrita de pelo menos três autores do movimento germanista, quais sejam, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Farias Brito e, indiretamente, João Ribeiro. Para tanto, iremos analisar a maneira pela qual eles tomaram contato com a filosofia de Nietzsche, procurando identificar suas fontes sobre ele, bem como as interpretações que deixaram a seu respeito em suas produções escritas, como livros, artigos ou ensaios.

Palavras-chave: recepção brasileira do pensamento de Nietzsche; germanismo; fontes; filosofia brasileira

Abstract: The Brazilian critical still knows no the repercussion that has achieved the philosophy of Nietzsche in the written production of authors of the Germanist movement, formed by intellectuals active in Recife and Rio de Janeiro of the late XIX and early XX century. In this sense, regarding the initial reception of Nietzsche's philosophy in Brazil, we examine its presence in the written production of at least three authors of the Germanist movement, namely, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Farias Brito and indirectly João Ribeiro. To this end, we will examine the way in which they made contact with the philosophy of Nietzsche, seeking to identify their sources about him, as well as interpretations that have left of him in their written productions such as books, articles or essays.

Keywords: Brazilian reception of Nietzsche's thought; Germanism; sources; Brazilian philosophy

13

* Comunicação apresentada no XXXVII *Encontros Nietzsche* (Recife, 1 de outubro de 2015), na Mesa-redonda *Nietzsche: Filologia e Recepção*, coordenada pelo debatedor Prof. Dr. Ivo da Silva Junior (UNIFESP/GEN/CENBRA) que, na ocasião, anunciou a criação do CENBRA - Centro de Estudos Nietzsche: Recepção no Brasil. A versão de minha apresentação aqui publicada foi significativamente ampliada graças à pesquisa realizada *in loco*, isto é, na Faculdade de Direito do Recife, que abriga a 'Coleção Tobias Barreto (Biblioteca particular, escritos de Tobias e sobre ele)'. Na ocasião, a bibliotecária responsável me forneceu um catálogo dos exemplares das obras e periódicos do filósofo da escola do Recife, com o qual pude, posteriormente, pesquisar, por meio da consulta e leitura [do mesmo] conteúdo de seu repertório de livros e periódicos alemães encontrados em forma digitalizada, rastrear quais, dentre eles, constituíram as fontes de seu acesso à filosofia de Nietzsche.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil. Membro do GEN - Grupo de Estudos Nietzsche e do CENBRA - Centro de Estudos Nietzsche: Recepção no Brasil

I. *Status quaestionis*

A pesquisa de recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil nos convidar a pensar a sua obra de pensamento como objeto de conhecimento filosófico construído não apenas por ele próprio, mas também pelos seus leitores, pelos seus inúmeros editores, bem como pelos tradutores, intérpretes e comentadores, etc. Incipiente, por um lado se mostra aberta e instigante, embora ainda por outro também carente de trabalhos de referência e de definição acerca do que vem a ser uma pesquisa de recepção. Quanto a nós, entendemos por recepção a presença direta ou indireta, a aceitação ou a rejeição, o contato e a assimilação de ideias, conceitos e obras, no caso as de Nietzsche, seja da parte de leitores, seja por meio de adaptações literárias e filosóficas levadas a cabo por outros autores, no nosso caso, brasileiros. Nesse sentido, compreendemos ser necessário analisar a importância, os efeitos, bem como as consequências da filosofia de Nietzsche para parcela significativa da intelectualidade nacional que, desde o movimento germanista, por meio de sua construção enquanto objeto de conhecimento filosófico, rumou à antecipação de possibilidades não concretizadas, à expansão de espaços limitados e na direção de novos caminhos para a experiência cultural brasileira.

Seguindo as indicações de Sílvio Romero, o movimento germanista teve início no Recife, na década de 1870, passando “ao Rio de Janeiro dez anos mais tarde”. Ele define o movimento em três fórmulas: 1) a dele *próprio*, b) a de Tobias Barreto e c) a da *imigração*². Esta última se refere aos colonos alemães que não adotavam a língua brasileira. O germanismo de Tobias Barreto volta-se à crítica literária, filosófica, religiosa e ao direito. De modo geral, o “germanismo de Tobias confundiu-se com o naturalismo científico e com o movimento neokantiano, de ambos inspirando-se”³. Já o de germanismo de Sílvio Romero caracteriza-se pelo estudo da etnografia, da crítica literária, da história e da filosofia. Explica ele que no Recife teria dominado o germanismo de Tobias Barreto, no Rio, por sua vez, o germanismo havia sido composto por indivíduos dedicados quase exclusivamente ao

² ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica* (repulsas e desabafos). 1º série. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, P.37.

³ Assim nos assegura Paulo Mercadante, advertindo ainda que o germanismo de Tobias “Não consistiu no culto à filosofia germânica como decorrência de alienação de seu espírito. As críticas frequentemente alcançaram os pensadores alemães, já no combate ao antissemitismo de von Treitschke, já na crítica ao racionalismo de Adolfo Julineck, ou na defesa do haeckelismo quando Semper o refutava na Zoologia. Também investiu contra os positivistas alemães, considerando-os tão dogmáticos quanto os franceses, e, em 1887, diante da passividade liberal ante a pressão conservadora, insurgiu-se contra a própria Alemanha”. Ver MERCADANTE, Paulo. *O Germanismo de Tobias Barreto*, in *Estudos Alemães* [org. Luiz Antonio Barreto]. 1.ed. Rio de Janeiro, Editora Diário Oficial, 2012, p. 41.

aprendizado da língua alemã, e entre eles, assevera que Machado de Assis e Capistrano de Abreu se destacavam. Consideremos, contudo, que o próprio Romero não raro se confunde quanto a origem e a dimensão do movimento germanista. É nesse sentido que Wilson Martins aponta para as distâncias de espaço geográfico (Recife e Rio de Janeiro) e de orientação crítica entre o seu germanismo e o de Tobias Barreto. E mais significativamente, nos chama a atenção para o fato de que o movimento germanista como um todo era, na verdade, a vanguarda de um movimento nacional de “renovação literária” mais amplo, sendo justamente Sílvio Romero quem “refletia, mais do que provocava, o sentimento geral de que a inteligência brasileira estava então passando por um processo modernizador, sob o signo geral do *criticismo* contemporâneo”⁴.

Não obstante, no que diz respeito à recepção inicial do pensamento de Nietzsche no Brasil, nem Wilson Martins, nem tampouco, de modo geral, o pensamento crítico brasileiro como um todo, preocupou-se em dedicar-se a uma análise da repercussão que alcançou as ideias do filósofo nos textos dos autores do movimento germanista; quando muito, temos apenas indicações pontuais e esparsas, encontradas em estudos e manuais da crítica literária e filosófica, mas já bastante defasados, contando mais de meio século.

II. Nietzsche em Tobias Barreto

Eis o caso do estudo crítico de Brito Broca, um dos primeiros autores de nosso pensamento crítico a apontar para a presença da filosofia de Nietzsche na literatura brasileira do início do séc. XX. Em 1956 ele publicou a sua obra de crítica mais conhecida: *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Nela, defende a tese de que Nietzsche passou a constituir-se como “moda literária” no Brasil no início da primeira década de 1900. Para tanto, alega que tendo de início sido mencionado na Bahia pelo poeta Pethion de Vilar (Edgar Muniz), tornou-se depois um autor amplamente discutido por intelectuais como João do Rio, Araripe Júnior, José Veríssimo, João Ribeiro e Alberto Ramos, tendo por meio de suas publicações se consolidado como “moda literária” por volta de 1904, no Rio de Janeiro⁵. Embora de fato Nietzsche fosse então uma presença marcante, uma moda, não se limitava, porém, a uma moda literária, uma vez que suas ideias também eram discutidas entre acadêmicos de áreas como a filosofia. Brito Broca não atentou para o fato de que a filosofia de Nietzsche já havia

⁴ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. IV (1877-1896). Editora Cultrix, São Paulo, 2ª edição, 1979, p. 67.

⁵ Cf. BROCA, Brito. “Modas literárias: Wilde, Nietzsche, Tolstoi, Ibsen e Eça de Queiroz”, in *Vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1956, p. 112-117.

tido uma recepção, inclusive a primeira, ainda no final do séc. XIX, entre os germanistas do Recife e do Rio de Janeiro.

Ora, a primeira menção a Nietzsche no Brasil, breve, porém inovadora por se contrapor a influência predominantemente francesa do período e orientar-se pelo contato com a cultura alemã, pertence a Tobias Barreto, precursor do movimento germanista brasileiro, iniciado por ele na escola do Recife. A menção (no sentido de ser uma informação extraída de fonte secundária e não configurar-se propriamente como uma citação de obra do filósofo) aparece no artigo *Nem filósofo nem crítico*, publicado no jornal do Recife chamado *A Província*, a 10 de março de 1876. Ela sugere que Tobias Barreto tomou contato com a filosofia do jovem Nietzsche três antes da publicação do artigo, isto é, ainda no início do ano de 1873, em particular com questões ligadas a linguagem, muito embora, como veremos, não tenha sido por meio de fonte direta, ou seja, pela leitura de escritos do filósofo. O contexto da menção é o seguinte: em resposta às críticas do “Sr. Rodrigues”, redator brasileiro da revista norte americana *Novo Mundo*, que critica seu livro *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica*, acusado de ter apontado nos textos do escritor português Alexandre Herculano o erro de “*lesa-gramática*”, Tobias se defende remetendo o crítico para a polêmica entre Nietzsche e Strauss, desenvolvida na *Consideração Extemporânea, David Strauss, o devoto e o Escritor* (de 1873), afirmando que mesmo “Strauss, o sábio, o venerado Strauss, encontrou também o Sr. Nietzsche, de Basiléia, que quis provar-lhe a sua ignorância da língua alemã!”⁶. Como veremos, ao tratar o então jovem Filólogo professor universitário de Basiléia como “Sr. Nietzsche”, Tobias reproduzia uma expressão de tratamento comum à época, bastante utilizada por periódicos alemães, dos quais alguns ele teve acesso, para referir-se a escritores contemporâneos ativos, e dentre eles também a Nietzsche.

Esta, no entanto, parece ser a única menção a Nietzsche em toda a obra de Tobias Barreto; não obstante, ela é significativa não somente por ser o início da recepção da filosofia nietzschiana no Brasil, mas também porque ela está cronologicamente sincronizada com a recepção alemã e inclusive antecede a recepção do filósofo em outros países da Europa. Além disso, sua Coleção particular parece não dispor de um exemplar da edição alemã do livro *Consideração Extemporânea, David Strauss, o devoto e o Escritor*, publicada em 1873. A

⁶ BARRETO, Tobias. *Nem filósofo nem crítico*. *A Província*, Recife, PE, 10 de Março de 1876, p. 03. Depois reeditado com o mesmo título no livro *Estudos Alemães*, de 1883. Esta citação de Tobias a Nietzsche foi encontrada primeiramente por Tiago Pantuzzi. O mesmo desenvolve, sob a orientação da Prof. Scarlett Marton, na USP, a Dissertação de Mestrado intitulada justamente “A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife”.

Faculdade de Direito do Recife, que abriga a coleção particular de Tobias Barreto, indica em seu catálogo⁷ que embora ele tenha possuído um repertório de livros e periódicos de procedência alemã bastante rico para o período, com obras de Kant (*Kritik der praktischen Vernunft*, edição de 1878 e *Kritik der reinen Vernunft*, na edição de 1878), de Schopenhauer (*Die Welt als Wille und Vorstellung*, edição de 1873, 2 v.), de Eduard von Hartmann (*Die Selbstersetzung des Christenthums und die Religion der Zukunft*, edição de 1874, *Wahrheit und Irrthum im Darwimismus*, de 1875, *Moderne probleme*, de 1888)⁸, de Friedrich Lange (*Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*, edição do primeiro volume publicado em 1873), de Karl Marx (*Das Kapital: kritik der politischen Ökonomie*, edição de 1883-1885, 2v.), infelizmente, porém, não consta nenhuma obra de Nietzsche.

Na verdade, as suas fontes a respeito do “Sr. Nietzsche”, assim indica um exame do conteúdo da “coleção alemã de Tobias Barreto – periódicos”⁹, foram alguns exemplares de edições de periódicos alemães dos anos de 1873 e 1874. Além dos periódicos, outra importante fonte de contato de Tobias com a filosofia de Nietzsche foi a curta passagem presente na edição de 1873 do livro *Geschichte des Materialismus*, de Lange, que o cita a propósito do tema do socratismo presente em *O nascimento da tragédia*¹⁰. Não seria estranho afirmar, portanto, que Tobias (e também Sílvio Romero, como melhor veremos mais à frente) recepcionou Nietzsche como um pensador neokantiano: além de ler os autores dessa corrente de pensamento, consideremos ainda a proximidade de Nietzsche com eles, em particular com Lange. Para tanto, veja-se o trabalho de Eduardo Nasser, o qual mostra, dentre outras coisas, que “Nietzsche parafraseia trechos cruciais de *Geschichte des Materialismus*”, realizando uma “colagem de passagens do capítulo *Kant und der Materialismus e Antropologisme Fragen*, ambas presentes somente na primeira edição da obra capital de Lang”¹¹. Por conseguinte, sob

⁷ Ver “Coleção Alemã de Tobias Barreto”, in *Obras raras e valiosas da Biblioteca Faculdade de Direito do Recife: repertório bibliográfico dos séculos XVI ao XX*. Recife: Gráfica Linceu, 2011, p. 21-30.

⁸ Muito provavelmente Tobias Barreto também obteve um exemplar (ou de alguma forma chegou a ler) da obra *Philosophie des Unbewussten*, publicada em 1869, uma vez que ele deixou escrito o texto intitulado *Sobre a filosofia do inconsciente*, no qual discorre sobre essa obra de Hartmann e o apresenta à inteligência brasileira da época como “um célebre filósofo alemão dos nossos dias”. Cf. BARRETO, Tobias, in *Estudos de Filosofia*, 2º edição, Editora Grijalbo, 1997, p. 284-289.

⁹ Cf. “Coleção Alemã de Tobias Barreto – Periódicos”, in *Obras raras e valiosas da Biblioteca Faculdade de Direito do Recife: repertório bibliográfico dos séculos XVI ao XX*. Recife: Gráfica Linceu, 2011, p. 28.

¹⁰ LANGE, Friedrich. “Anmerkungen”, in *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn, J. Baedeker, 1873, v.1, p. 133-4. A passagem é a seguinte: “Der apollinische Zug der sokratischen Geistesrichtung ist neuerdings in eigenthümlicher Weise scharf hervorgehoben worden von Nietzsche die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik (Leipzig 1872) ”.

¹¹ NASSER, Eduardo. *Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser*. São Paulo, Edições Loyola, 2015, 36. Ainda sobre esse ponto, consideremos, com Rogério Lopes, a tese de que “Nietzsche é um herdeiro legítimo do programa

uma perspectiva histórico-filosófica, podemos assentir que havia certa proximidade de fontes de leitura entre Tobias Barreto e Nietzsche, como bem indica não somente a sua coleção alemã, com amplo repertório de autores neokantianos, mas também de autores consagrados da filosofia ocidental.

Entre os periódicos alemães da coleção particular de Tobias Barreto que indicam quais foram as suas fontes de contato com a filosofia do jovem Nietzsche encontra-se a revista *Magazin Für die Literatur des Auslandes*. Sua edição de abril de 1873 traz nada menos do que um artigo dedicado a primeira obra de Nietzsche, intitulado justamente *Die Geburt der Tragödie*, assinado por Dr. H. Beta¹². É possível ainda que Tobias tenha lido o texto intitulado justamente *Herr Nietzsche*, publicado na sessão *Literatur und Kunst*, do periódico *Die Gegenwart: Wochenschrift für literatur, kunst und öffentliches leben*, edição de dezembro 1873. Nele, as expressões “Herr Nietzsche” e “Herrn Nietzsche” são recorrentes, sendo comumente utilizadas pelo autor do texto, Guflav Binder, para referir-se a Nietzsche¹³.

Outra importante fonte de contato de Tobias Barreto com a filosofia do jovem Nietzsche foi o periódico *Musikalisches Wochenblatt: Organ für Musiker und Musikfreunde*, que em suas edições do ano de 1873 menciona justamente o “Herr Nietzsche” e suas reflexões sobre música, principalmente “*in seinem goldenen Buche Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik*”. Traz inclusive um curto texto escrito pelo próprio Nietzsche. O que provavelmente poderia ter sido então a única fonte direta de Tobias a um texto escrito pelo filósofo, trata-se do texto intitulado *Ein Neujahrswort an den Herausgeber der Wochenschrift “Im neuen Reich”* (Uma palavra de ano novo ao editor do semanário “no novo Reich”)¹⁴. Em

filosófico formulado por Friedrich Albert Lange em sua *História do materialismo e crítica de seu significado para o presente*. Para tanto, ver LOPES, Rogério. “Filosofia e Ciência: Nietzsche herdeiro do programa de Friedrich Alberto Lange”, in *Nietzsche e as ciências*. Org.: Miguel Angel de Barrenechea, Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 13.

¹² Dr H Beta. *Die Geburt der Tragödie. Magazin Für die Literatur des Auslandes*. Berlin, Berlin den 19 April, 1873, N 16, p. 233-236.

¹³ BINDER, Guflav. *Herr Nietzsche. Die Gegenwart: Wochenschrift für literatur, kunst und öffentliches leben*, N.49 e 50, Berlin, den 13 December 1873, p. 362-363 e 375-77. São dois textos, o segundo com o título *Herr Nietzsche II*. O catálogo realizado pela Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife informa que consta na biblioteca particular de Tobias a edição do ano 1875; mas como nem todo o material particular da biblioteca do filósofo da escola do Recife foi ainda catalogado, torna-se necessário pesquisar se não haveria algum engano e verificar se constam também as edições do ano 1873 e, quem sabe, talvez algum escrito do próprio Nietzsche.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Ein Neujahrswort an den Herausgeber der Wochenschrift “Im neuen Reich”*, in *Musikalisches Wochenblatt: Organ für Musiker und Musikfreunde*. IV. Jahrg. N.3, Leipzig am 17 Januar, 1873, p. 38. Reeditado in *Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999, vol. 1, p. 793-797.

edição datada ainda do ano de 1873, o periódico inclui o texto *Nietzsche und Sehletterer*, assinado por Richard Falckenberg¹⁵.

Um ano depois é publicada outra fonte de contato de Tobias com a filosofia do jovem Nietzsche: o periódico *Literarisches Centralblatt für Deutschland*, que em sua edição do mês de maio de 1874, em várias passagens refere-se a Nietzsche por meio da expressão “Herr Nietzsche” e também a propósito de sua polêmica com David Strauss, indicando já por isso a publicação do “Sr. Dr. Friedrich Nietzsche”: “*unzeitgemässe Betrachtungen. 1. Stück: David Strauss, der Bekenner und der Schriftsteller. Leipzig, 1873. Fritzsich*”¹⁶. Não por acaso, em seu livro *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica*, de 1875, Tobias incluiu um escrito datado de maio de 1874 intitulado justamente *Sobre David Strauss (Um fragmento biográfico)*. Nele, estranhamente, a respeito do impacto e do entusiasmo provocado pela publicação dos escritos de Feuerbach na Alemanha, explica que teria havido por isso “uma espécie de embriaguez dionisíaca, segundo exprime-se Jung, por ver-se de novo unida, como outrora entre os helenos, a poesia e a filosofia no mais estreito abraço de intimidade fraterna”¹⁷. O que poderíamos inferir dessa passagem? Que Tobias enganou-se de nome, ao referir-se ao desconhecido “Jung”, quando ele poderia ter colhido informações sobre essa tal “embriaguez dionisíaca” e a unidade “como outrora entre os helenos, [d]a poesia e [d]a filosofia no mais estreito abraço de intimidade fraterna” em algum artigo ou resenha sobre Nietzsche? Com perguntas assim, porém, ficaríamos na mera especulação.

O que importa mesmo, como veremos em detalhes logo à frente, é que a ‘Coleção alemã de obras e periódicos de Tobias Barreto’ desmente algumas das críticas dos autores da escola franco-fluminense (em particular José Veríssimo) que acusavam os germanistas do Recife de também terem tomado contato com a cultura alemã por meio de autores franceses. Além do mais, como a sua biblioteca particular está em processo de atualização, catalogação e digitalização, esperamos que possa aparecer outras fontes por meio das quais Tobias Barreto tomou contato com a filosofia de Nietzsche. Não obstante, o que com certeza sabemos até o momento é que a primeira divulgação das ideias nietzschianas no Brasil foi levada a bom termo pelo movimento germanista iniciado pelo filósofo da Escola do Recife.

¹⁵ FALCKENBERG, Richard. *Nietzsche und Sehletterer*, in *Musikalisches Wochenblatt: Organ für Musiker und Musikfreunde*. IV. Jahrg. N.40, Leipzig am 3 October, 1873, p. 580-81.

¹⁶ Cf. *Literarisches Zentralblatt für Deutschland*. n.19, maio de 1874, p. 618-622.

¹⁷ BARETO, Tobias. “Sobre David Strauss (Um fragmento biográfico)”, in *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica*, 2º ed. Editor José Nogueira de Souza, Pernambuco, 1889, p. 154.

III. Nietzsche em Sílvio Romero

Tanto que é exatamente em reação às inovações dos germanistas da Escola do Recife que o primeiro texto inteiramente dedicado a uma análise da filosofia nietzschiana aparece no Brasil, publicado no ano de 1893, no diário carioca a *Gazeta de Notícias*. Nele, seu autor, Julio Erasmo, se opõe “as tendências filosóficas de algumas escolas alemãs que estão surgindo”, uma vez que as considera “preconizadoras do *imoralismo*”¹⁸. Dessa perspectiva, ele julga Nietzsche um pensador aristocrático e autor de teorias deletérias, perniciosas, deprimentes e perturbadoras da ordem moral. De 1893 em diante outros textos aparecerão publicados sobre o filósofo na imprensa periódica brasileira. É o caso do artigo *Um filósofo*, publicado em 1899, no diário carioca *O Paiz*. Ele desperta a curiosidade do leitor por vários motivos, um deles é o subtítulo: “Ao Dr. Sílvio Romero”. Esse artigo sobre Nietzsche dedicado a Sílvio Romero é da autoria de Leopoldo de Freitas e nele o ensaísta discorre acerca da popularidade que a filosofia nietzschiana alcançou na Alemanha e na França do final do século XIX. Faz lembrar ainda a influência de seu pensamento sobre artistas e literatos, não só europeus, mas também americanos, do norte e do sul¹⁹.

Em 1900, portanto, de fato Nietzsche já era uma “moda literária” consolidada, como bem exclamou José Veríssimo em primeira página do *Correio da Manhã* de 1903, no Rio²⁰. Essa moda, contudo, não teve início com ele; e, sobretudo, não se restringiu, desde o início, ao campo literário, mas teve também suas manifestações no campo filosófico, em autores como Sílvio Romero, Farias Brito, dentre outros germanistas, como João Ribeiro.

Prova disso é que já no início do séc. XX havia livros de entrevistas²¹ e manuais de história da literatura brasileira indicando a presença de Nietzsche no país desde o final do

¹⁸ ERASMO, Julio. *O neo-cinismo*, in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1893, p.01. Texto reeditado em *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.36 n.1, p. 103-106, 2015.

¹⁹ FREITAS, Leopoldo de. *Um filósofo*, in *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1899, p. 01. Versão atualizada in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.I n.35, p. 109-114, 2014. Ver comentário a respeito em DIAS, Geraldo. “*Nietzsche, intérprete do Brasil*”? *A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX*, in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.I n.35, p. 89-107, 2014.

²⁰ Cf. VERISSIMO, José. *Um Nietzsche diferente*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1903, p. 01.

²¹ Referimo-nos a principal fonte de Brito Broca sobre a recepção de Nietzsche no Brasil, isto é, o livro *O momento literário*, de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, jornalista, romancista, cronista, que tornou-se célebre com o pseudônimo de João do Rio. Ele realizou diversas entrevistas com literatos da época, publicadas inicialmente na *Gazeta de Notícias*, RJ, por volta de 1905. Conforme afirma Brito Broca em *A Vida Literária no Brasil – 1900*: “João do Rio fez da reportagem um gênero literário, com o que veio a servir simultaneamente ao jornalismo e à literatura”. Seu livro de entrevistas, *O momento literário*, na medida em que realiza um balanço geral da situação literária da década de 1900, indica a incidência da filosofia de Nietzsche sobre a produção e a formação intelectual de autores como Magnus Sondhal, Alberto Ramos e Elyσιο de Carvalho, indicando o quando ela reflete na temática conservadora e no estilo aforismático de escrita adotada por eles. Ver RIO, João do. *O momento literário*. H. Garnier, Livreiro Editor. Rio de Janeiro, 1907.

século anterior. Não por acaso, justamente o *Compêndio de História da literatura brasileira* escrito pelos germanistas Sílvio Romero e João Ribeiro já aponta para o fato de que o início do movimento ‘alemanista’ e por meio dele o contato com Nietzsche teve início por volta do final do século XIX. Nesse sentido, eles informam que “Houve um momento (1870 a 1889) em que se fez no país certo movimento em prol do *alemanismo* (...). Já diretamente por livros alemães, pois que muitos moços estudaram então a língua germânica, por traduções francesas, inglesas, italianas e espanholas, espalhou-se nos círculos pensantes o gosto pelas cousas intelectuais tedescas (*sic*)”. E ironicamente asseveravam que “hoje é preciso ser muito refratário a certa forma superior da cultura para não ter lido Kant, Hegel, Schopenhauer, Hartmann, Nietzsche, Lange (...), Strauss, Haeckel, Vogt e cinqüenta outros”²².

Assim, seguindo as pegadas de seu mestre, Sílvio Romero também tomou contato com a filosofia de Nietzsche por meio do que ele identifica por “tendência neocriticista ou neokantista”, em particular a tendência ligada aos autores que discutiam os limites da metafísica tradicional, como Eduard von Hartmann, Schopenhauer, Friedrich Lange e Hermann von Helmholtz. Relacionada a essa temática se desenvolve uma diatribe entre Sílvio Romero e José Veríssimo, discussão ofensiva na qual Veríssimo interpreta Nietzsche como um filósofo metafísico para assim minimizar a declaração da “morte da metafísica”²³ feita por Romero em sua tese de doutorado, no Recife, no ano de 1975²⁴. Mas a polêmica se acirra ainda mais quando Veríssimo acusa Romero de também ter tomado contato com a cultura alemã por meio dos autores franceses, considerando, por isso, seu germanismo insolente, uma vez que ele lia os autores alemães “em francês”²⁵.

De fato, ambos conheciam os estudos dos germanistas franceses sobre Nietzsche. As publicações de Henri Lichtenberger, dentre elas os estudos *La Philosophie de Nietzsche* (de 1898) e *Aphorisms et fragments choisis de Nietzsche* (de 1899) eram fontes sobre o filósofo para ambos. E, de modo mais geral, realmente os estudos de Teódor de Wyzewa²⁶, Eugène de

²² ROMERO, Sílvio e RIBEIRO, João. “III As influências estrangeiras”, in *Compêndio de História da literatura brasileira*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1906. p. 54.

²³ VERÍSSIMO, José. “A retórica de Nietzsche”, in *Homens e coisas estrangeiras 1899-1908*. TOPBOOKS, Rio de Janeiro, 2003, p. 611.

²⁴ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica (repulsas e desabafos)*. 1º série. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, p.85. Por causa dessa declaração da morte da metafísica, Sílvio Romero, em *A Filosofia no Brasil: Ensaio Crítico*. Porto Alegre, Tipografia da *Deutsche Zeitung*, 1878, p. 41, alega que “foi metido em processo por uma *Faculdade de Direito*, por declarar, em uma defesa de tese, ser uma ignorância o desconhecer-se que, nas altas camadas da ciência atual — *a metafísica está morta!* — e, por este fato, preterido, duas vezes, de tirar uma cadeira de filosofia, que foi dada a um pobre anônimo”.

²⁵ Veríssimo, José. “Alguns aspectos da moderna evolução alemã”, in *Homens e coisas estrangeiras 1899-1908*. TOPBOOKS, Rio de Janeiro, 2003, p. 540.

²⁶ WYZEWA, Téodor de. *Frédéric Nietzsche, le dernier métaphysicien*, in *Revue Bleue*, 1891, n. 48, p. 586-592.

Roberty²⁷, Henri Albert²⁸, Daniel Halévy²⁹, Alfred Fouillée³⁰, Émile Faguet³¹, Jules Gaultier³², Édouard Shuré³³ e Jean Bourdeau³⁴ foram para muitos intelectuais brasileiros a porta de entrada para o primeiro contato com a cultura alemã e, em particular, com a filosofia nietzschiana. Assim aconteceu com José Veríssimo, e ele se orgulhava do fato, declarando que seu conhecimento da cultura alemã e do pensamento de Nietzsche passou antes pelo filtro francês. Brito Broca nos assegura que “Nietzsche lhe chegara naturalmente, às mãos, através das edições que o “*Mercure de France*” começava a lançar”³⁵. O mesmo, contudo, não acontece com Sílvio Romero, pelo menos segundo ele próprio o seu contato com a cultura alemã teria ocorrido por via direta, isto é, por veio de obras e autores alemães, principalmente os “neokantistas”, e não por intermédio de intérpretes e tradutores franceses.

Sílvio Romero daria resposta às provocações de Veríssimo em 1909, numa publicação sarcástica e virulenta, com título sugestivo e irônico: *Zéverissimações ineptas da crítica* (repulsas e desabafos). Com esse texto incide contra Veríssimo e esboça uma divisão da obra e da filosofia de Nietzsche a fim de justificar que ele (Sílvio Romero) teria precedido o filósofo alemão quanto ao tema da morte da metafísica, declarada morta em 1875, na sua defesa de tese e, portanto, antes mesmo de Nietzsche, “que só mais tarde começou ocupar-se seriamente de filosofia”³⁶, isto é, somente a partir de *Humano, demasiado humano*, de 1878.

²⁷ ROBERTY Eugène de, *Frédéric Nietzsche. Contribution à l'histoire des idées philosophiques et sociales à la fin du XIXème siècle*, Paris, Alcan, 1902.

²⁸ Henri Albert editou e traduziu as *Oeuvres Complètes de Frédéric Nietzsche*, publicadas em Paris pela Société du Mercure de France: *Ainsi parlait Zathoustra* (1898), *Nietzsche contra Wagner* (1899), *L'Antéchrist* (1899), *Le Crépuscule des Idoles* (1899), *Pages choisies de Frédéric Nietzsche* (1899), *Le Cas Wagner* (1899), *La Généalogie de la Morale* (1900), *Le Gai Savoir* (1901), *Aurore* (1901), *L'Origine de la Tragédie* (1901), *Le Voyageur et son Ombre* (1902), *La Volonté de Puissance* (1903), *Par delà le Bien et le Mal* (1903), *Considérations inactuelles* (1907), *Ecce Homo* (1909), *Poésies* (1909).

²⁹ HALÉVY, Daniel. *La Vie de Friedrich Nietzsche*, Calmann-Lévy éditeur, Paris, 1909.

³⁰ FOUILLÉE, Alfred. *Note sur Nietzsche et Lang: “Le Retour Éternel”*, in *Revue philosophique de la France et de l'étranger*. An. 34. Paris 1909, p. 519-525.

³¹ FAGUET, Émile. *En lisant Nietzsche*. Société française d'imprimerie et de librairie, 1904.

³² GAULTIER, Jules de. *Nietzsche et la réforme philosophique*. Paris: Mercure de France, 1904.

³³ SCHURÉ, Édouard. *L'individualisme et l'anarchie en littérature, Frédéric Nietzsche et sa philosophie*, in *Revue des Deux Mondes*, n.130, agosto de 1895, p. 777-805.

³⁴ A produção de Jean Bourdeau sobre Nietzsche parece ter sido objeto de inspiração para autores como Julio Erasmio e Elísio de Carvalho. Ver BOURDEAU, Jean. *Max Stirner et Frédéric Nietzsche*, *Revue Philosophique*, in *Journal des débats*, 16 de março de 1893, p. 01 e *Le néo-cynisme aristocratique. – Frédéric Nietzsche*, abril do 1893, depois recolhidos em *Les Maîtres de la pensée contemporaine*, 1904.

³⁵ BROCA, Brito. (1956), in *Vida literária no Brasil: 1900*. RJ, José Olímpio, p. 112. Em seus ensaios publicados na imprensa periódica, inicialmente, e depois recolhidos em livros, já no cabeçalho dos que são dedicados a Nietzsche José Veríssimo logo de início apresenta a fonte de seu contato com as ideias do filósofo.

³⁶ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica* (repulsas e desabafos). 1º série. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909, p. 78.

A filosofia de Nietzsche comparece ainda em outros textos e discursos políticos produzidos por Sílvio Romero, entre o final do séc. XIX e início do XX³⁷. É o caso do texto dedicado a uma análise da questão do pessimismo presente nas obras machadianas *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, intitulado *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*, de 1897. Nele, Romero defende que “há duas espécies de pessimismo, um profundo, irreduzível, que é tanto da cabeça quando do coração”, encontrado em autores como Schopenhauer, Baudelaire, Byron, e outro pessimismo “só da cabeça, sem grandes raízes”, “teórico” e “especulativo”, encontrado em autores como Machado de Assis e Tobias Barreto. Nesse contexto, procura distinguir a filosofia nietzschiana da filosofia pessimista de Schopenhauer, esclarecendo a advertindo que “Frederico Nietzsche” “era exatamente o contrário de um pessimista”, não podendo ser erroneamente aproximado a pensadores como “Schopenhauer” e “Hartmann”³⁸. Outro texto em que Sílvio Romero menciona o filósofo, aqui de maneira irônica e negativa, data de 1907, escrito em virtude do “falecimento do grande sociólogo francês Edmond Demolins”; fato que segundo ele encheu de “pesar o pequeno número de seus adeptos do Rio de Janeiro”, uma vez que estavam “preocupados com tudo quanto tem ressaibos de extravagância, de desequilíbrio, de moléstia, de desordem espiritual (...), alheados da realidade a seguir as fantasias de Nietzsche (...)” e por isso não enxergavam “o pessimismo aparente de um Edmond Demolins”³⁹.

³⁷ Alguns desses discursos foram publicados no *Diário de Pernambuco*, jornal que circulou no Recife durante o período de 1825 a 1984, e é, juntamente com os diários *A província* e o *Jornal do Recife*, um rico documento para analisar a incidência de Nietzsche sobre a produção cultural do movimento germânico na imprensa escrita dessa época e, mais ainda, da inteligência brasileira do final do séc. XIX e início do XX. O diário apresenta um Nietzsche múltiplo e contraditório, citado por autores ativos em movimentos intelectuais, políticos, artísticos e culturais, como o movimento germanista e o movimento modernista. Comparece na produção editada por autores como Gilberto Freyre, Agripino Grieco, Tristão de Athayde, dentre outros. O primeiro texto publicado sobre Nietzsche no *Diário de Pernambuco* tem por título “O anti-cristo”, datado de fevereiro de 1895. É uma pequena coluna anônima que informa os leitores sobre a publicação do “Anti-Cristo”, obra que teria sido escrita pelo filósofo “durante o outono de 1888, algumas semanas antes de enlouquecer e sua família recusara até hoje deixar publicá-la” (*Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1895, p. 03). Ao mencionar *Also sprach Zarathustra*, sarcasticamente passa a descrever “a força” como sendo “a doutrina de Nietzsche Coitado”, lamentando que “não é de balde que morra louco”. Em consonância com esse sarcasmo pejorativo, uma vez que desprestigia o filósofo e sua obra lançando mão de argumentos *ad hominem*, também Sílvio Romero, quando a propósito de seu pronunciamento parlamentar em defesa do casamento civil e em detrimento do casamento religioso, de forma desproporcional e fora de contexto ironiza afirmando que “Dizem os competentes que, como reação ao pessimismo que a tudo e a todos avassalou em nosso século, Nietzsche proclamou a *ação* e a *força*, e Tolstói – o amor” (*Discurso. Diário de Pernambuco*, 18 de julho de 1901, p. 01).

³⁸ ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. LAEMMBRT & C. EDITORES, Rio de Janeiro, Casas filiais em S. Paulo e Pernambuco, 1897, p. 257-261.

³⁹ ROMERO, Sílvio. *O Brasil social e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001, p. 64-5.

IV. Nietzsche em Farias Brito

De modo geral, como vimos acima, o principal tema por meio do qual a filosofia de Nietzsche é abordada pelos germanistas ativos no Rio de Janeiro, mas vindos da Escola do Recife, como Sílvio Romero e Farias Brito, gira em torno do tema da morte e ressurreição da metafísica. Tanto é assim que emerge no seio do movimento germanista duas frentes internas e opostas quando, de um lado, com o germanismo de Tobias Barreto e Sílvio Romero é proclamada a morte da metafísica e, por outro, com Farias Brito, busca-se justamente a ressurreição da metafísica por meio de um retorno a corrente de pensamento espiritualista, sempre combatida pelos dois primeiros. De um lado o monismo materialista professado por Tobias e, em parte, por Romero, de outro, com Farias Brito, a retomada e a valorização da tradição metafísica por meio da defesa do espiritualismo nascido enquanto reação ao materialismo e ao positivismo. Por conseguinte, se, por um lado, Sílvio Romero declara a morte da metafísica, por outro lado, Farias Brito, contra o que denomina de materialismo moral, corrente de pensamento na qual situa Nietzsche, procura reestabelecer o prestígio da filosofia primeira. Para tanto, combate intensamente a filosofia nietzschiana, pois julga que ela concorre para o descrédito e crise da filosofia moderna e contemporânea.

24

Como indica Cruz Costa, “[v]indo da influência do *alemanismo* do Recife, tendo sofrido a influência de Tobias Barreto, Farias Brito granjeava nome de filósofo”⁴⁰ e será o primeiro a se dedicar a uma análise da “ideia da volta eterna de Nietzsche”, compreendida por ele como uma teoria moderna de dissolução⁴¹. Trata-se de um capítulo do terceiro tomo de sua obra *Finalidade do mundo* (de 1905), na qual Nietzsche aparece filtrado pela crítica de Lichtenberger, sendo, por um lado, a sua ideia da “volta eterna” compreendida como uma espécie de teoria evolucionista e ainda, por outro, ele próprio como um dos últimos materialistas a defender a ideia de imortalidade por meio da “ideia da volta eterna”. Farias Brito compreende a ideia nietzschiana da “volta eterna” como uma obra de dissolução e seu autor como quem “melhor reflete o estado de anarquia a que se acha reduzido o espírito humano”. Realiza assim uma recepção indireta, imprecisa e negativa ao interpretar Nietzsche como um moralista da teoria da evolução.

⁴⁰ COSTA, Cruz. *Contribuições à História das Ideias no Brasil* (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956, p. 320-21.

⁴¹ BRITO, Farias. “A teoria da evolução e a ideia da ‘volta eterna de Nietzsche’”, in *Finalidade do mundo. Estudos de filosofia e teleologia naturalista*. Brasília: Senado Federal, v. III, 2012, p. 20-21.

Embora Benedito Nunes tenha afirmado que da filosofia de Nietzsche Farias Brito “destacou apenas o conceito de eterno retorno”⁴², vemos que na verdade ele também dedicou atenção a ideia da “vontade de poder”, interpretada em seu livro *O mundo interior* como o princípio do materialismo moral diluidor das crenças tradicionais, desenvolvido pelo “sistema de Nietzsche (filosofia do super-homem, vontade de poder)”⁴³. É em virtude dessa ideia que Farias Brito consente a Nietzsche um lugar acima dos materialistas e positivistas, pois entende que ele, “partindo da força como princípio supremo, não vacila em admitir como instinto primordial e, portanto, como fonte da vida moral, a vontade de poder”⁴⁴. Por essa razão, considera que Nietzsche representa a moral da força; e assim o emparelha com as doutrinas darwinistas, o que leva Farias Brito a descambar numa crítica enviesada, não distinguindo os elementos do darwinismo das concepções teórico-morais do filósofo, confusamente entendendo que ele, uma vez “admitindo como aplicável também aos fenômenos de ordem social e moral a concepção darwiniana (*sic*) que dá como condição primordial do progresso o predomínio do mais forte, não vacila em estabelecer como lei a eliminação dos fracos, apregoando como virtude a crueldade: ao passo que a caridade, a compaixão são vícios, somente admissíveis como virtudes em uma moral de escravos”⁴⁵.

Afim de enaltecer o seu espiritualismo eclético, em seu livro *A base física do espírito* Farias Brito procura ressuscitar o prestígio da filosofia primeira. Para tanto, uma de suas estratégias consiste em denunciar Nietzsche como um genuíno filósofo, mas que, todavia, concorre para o descrédito e crise da filosofia contemporânea. Isso aconteceria porque segundo ele “a filosofia de Nietzsche” concebe “a filosofia” não “como ordinariamente se supõe, [como] um conjunto de verdades abstratas de extensão universal, mas [antes como] apenas o reflexo vivo de um temperamento excepcional – *a confissão sincera e apaixonada de uma alma de elite*”⁴⁶.

José Veríssimo, no texto *A ressurreição da metafísica*, uma resenha dedicada justamente *A base física do espírito*, considera que Farias Brito procura nessa obra nada menos do que a resolução do velho problema da filosofia primeira por meio de uma psicologia transcendental. Já por isso, Veríssimo a saúda como um peregrino em nossa literatura filosófica, considerando que a obra fora escrita com clareza e simplicidade.

⁴² NUNES, B. *Farias Brito. Trechos escolhidos*. Livraria Agir Editora, RJ, 1967, p. 15.

⁴³ BRITO, Farias. *O mundo interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito*. Brasília: Senado Federal, 2006, p. 399.

⁴⁴ *O mundo interior*, 2006, 390-9.

⁴⁵ *O mundo interior*, 2006, 390-9.

⁴⁶ BRITO, Farias. *A base física do espírito*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006, p. 65-66.

Assegura que a reação contra a morte da metafísica e contra o cientificismo teve início de maneira tímida, “dispersamente, sem método nem sistema, em filosofias pessoais, mediante pensadores isolados e um pensamento inconsciente, com Hartmann, com Schopenhauer, com Guyau, com Nietzsche, para só citar os nomes mais consideráveis”⁴⁷. Em consonância com a obra de Farias Brito, Veríssimo considera que nem o criticismo nem o neokantismo conseguiram formar um sistema filosófico em favor da metafísica, consagrando apenas o conhecimento científico como válido e que era ainda Kant o único que fizera metafísica, porém sem consentir nem confessar. E Nietzsche, por sua vez, é compreendido pelo crítico como um filósofo reacionário, i.e., um pensador que reage contra o predomínio das filosofias inspiradas na “Ciência” e em favor do reestabelecimento do primado da metafísica, buscando assim, como sugere o título do texto: a ressurreição da metafísica. Nessa direção, Veríssimo exemplifica dizendo que na França Henri Bergson veio a se posicionar em prol dela e que, no Brasil, Farias Brito surgiu como o filósofo capaz de ressuscitá-la. Lá, Bergson se configuraria como o primeiro filósofo a tomar posição contra os cordiais princípios da teoria do conhecimento e em favor da legitimidade da metafísica, cá, no Brasil, a metafísica teria sua ressurreição com Farias Brito, o único – a parte Almeida Magalhães – a cultivá-la entre nós quando era bastante desacreditada pelos positivistas. Assim, com esse texto é possível vislumbrar certos posicionamentos de Veríssimo no que concerne à recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil. Ele toma posição ao situar o filósofo como um pensador reacionário, o que equivale a associar suas ideias e obras com certa tradição filosófica a qual ele nunca pertenceu. Ao contrário de Veríssimo, Farias Brito, por sua vez, não o situa como reacionário pró-metafísico, mas antes, contrariamente, como um filósofo destruidor dos objetos da metafísica.

Fica patente então que, na verdade, Veríssimo pode ser enquadrado como um intelectual bem mais propício ao pensamento reacionário e conservador brasileiro, não só por ter ele situado Nietzsche como pensador reacionário, nem por ter saldado Farias Brito como filósofo responsável pelo renascimento da metafísica no Brasil, quando justamente suas posições espiritualistas e conservadores poderiam ter sido criticadas, mas também por suas ambiguidades no trato das ideias filosóficas, especialmente as nietzschianas.

Por essas e outras razões, João Ribeiro, mais inclinado à renovação modernista do que ao conservadorismo da corrente espiritualista, considerou Farias Brito um filósofo atrasado, incongruente, que não deixará um só discípulo. Alega que sua ânsia de reviver a metafísica

⁴⁷ VERÍSSIMO, José. *A ressurreição da metafísica*. *O Imparcial*, RJ, 11 de janeiro de 1913, p. 02.

pelo naturalismo, e por um método obsoleto, a *ratione*, caiu, afinal, em contradição e antinomias. Julga ainda que o fracassado filósofo brasileiro não conheceu bem os trabalhos de Nietzsche⁴⁸. Ao contrário de Farias Brito, o contato do germanista carioca (João Ribeiro) com a filosofia de Nietzsche contribuiu para que ele se direcionasse para a realização de possibilidades intelectuais ainda não concretizadas, principalmente no sentido da renovação modernista, ao invés de retroagir para o tradicionalismo da corrente de pensamento espiritualista⁴⁹.

V. À guisa de conclusão

Assim, malgrado a ausência de trabalhos monográficos e as esparsas indicações pontuais do pensamento crítico, como vimos, a filosofia de Nietzsche começa a ser construída como objeto de conhecimento filosófico no Brasil a partir do final do séc. XIX, inicialmente no Recife, por meio do germanismo da Escola do Recife, com Tobias Barreto, e depois no Rio de Janeiro, com Sílvio Romero e Farias Brito. Tendo ela por referência, intelectuais como Graça Aranha, Farias Brito, Sílvio Romero, dentre outros germanistas, discutiram sobre questões concernentes aos limites da metafísica tradicional, contrapondo-se assim à afirmação de Tobias Barreto de que “o Brasil não tem cabeça filosófica” e ainda também a afirmação de João Ribeiro, segunda a qual no Brasil “ninguém se preocupa com o *infinito*”⁵⁰.

Referências

ALBERT, Henri. *Oeuvres Complètes de Frédéric Nietzsche*, Paris, Société du Mercure de France (1898).

BARETO, Tobias. “Sobre David Strauss (Um fragmento biográfico)”, in *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica*, 2º ed. Editor José Nogueira de Souza, Pernambuco, 1889.

_____. *Nem filósofo nem crítico. A Província*, Recife, PE, 10 de Março de 1876.

_____. “Sobre a filosofia do inconsciente”, in *Estudos de Filosofia*, 2º edição, Editora Grijalbo, 1997, p. 284-289.

⁴⁸ Cf. RIBEIRO, João. *A Filosofia no Brasil. Revista do Brasil*, nº 22, vol. VI, Rio de Janeiro, 1917.

⁴⁹ Cf. RIBEIRO, João. *Frederico Nietzsche. Almanaque Brasileiro do Garnier*, Rio de Janeiro, 1904.

⁵⁰ Cf. RIBEIRO, João. *A Filosofia no Brasil. Revista do Brasil*, nº 22, vol. VI, Rio de Janeiro, 1917.

_____. *Tobias Barreto (1839-1889). Bibliografia e Estudos Críticos*. Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro. Salvador, 1990.

BINDER, Guflav. *Herr Nietzsche*, in *Die Gegenwart: Wochenschrift für literatur, kunst und öffentliches leben*, n.49 e 50, Berlin, den 13 December 1873, p. 362-363 e 375-77.

BOURDEAU, Jean. *Max Stiner et Frédéric Nietzsche*, *Revue Philosophique*, in *Journal des débats*, 16 de março de 1893.

_____. *Le néo-cynisme aristocratique. – Frédéric Nietzsche*, *Revue Philosophique*, in *Journal des débats*, abril do 1893.

BRITO, Farias. *A base física do espírito*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006.

_____. *Finalidade do mundo. Estudos de filosofia e teleologia naturalista*. Brasília: Senado Federal, v. III, 2012.

_____. *O mundo interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito*. Brasília: Senado Federal, 2006.

BROCA, Brito. “Modas literárias: Wilde, Nietzsche, Tolstoi, Ibsen e Eça de Queiroz”, in *Vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1956.

“Coleção Alemã de Tobias Barreto”, in *Obras raras e valiosas da Biblioteca Faculdade de Direito do Recife: repertório bibliográfico dos séculos XVI ao XX*. Recife: Gráfica Liceu, 2011, p. 21-30.

COSTA, Cruz. *Contribuições à História das Ideias no Brasil (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

DIAS, Geraldo. “*Nietzsche, intérprete do Brasil*”? *A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX*, in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.I n.35, p. 89-107, 2014.

Dr. H. Beta. *Die Geburt der Tragödie. Magazin Für die Literatur des Auslandes*. Berlin, Berlin den 19 April, 1873, N 16, p. 233-236.

ERASMO, Julio. *O neo-cinismo*, in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1893. Transcrição atualizada do texto in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.36 n.1, p. 103-106, 2015.

LANGE, Friedrich. “Anmerkungen”, in *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn, J. Baedeker, 1873, v.1.

LOPES, Rogério. “Filosofia e Ciência: Nietzsche herdeiro do programa de Friedrich Alberto Lange”, in *Nietzsche e as ciências*. Org.: Miguel Angel de Barrenechea, Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

FALCKENBERG, Richard. *Nietzsche und Sehletterer*, in *Musikalisches Wochenblatt: Organ für Musiker und Musikfreunde*. IV. Jahrg. N.40, Leipzig am 3 October, 1873.

FOUILLÉE. Alfred. *Note sur Nietzsche et Lang: “Le Retour Éternel”*, in *Revue philosophique de la France et de l'étranger*. An. 34. Paris 1909.

FREITAS, Leopoldo de. *Um filósofo*, in *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1899, p. 01. Versão atualizada in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.I n.35, p. 109-114, 2014.

HALÉVY, Daniel. *La Vie de Friedrich Nietzsche*, Calmann-Lévy éditeur, Paris, 1909.

MARTINS. Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. IV (1877-1896). Editora Cultrix, São Paulo, 2º edição, 1979.

MERCADANTE, Paulo. *O Germanismo de Tobias Barreto*, in Tobias Barreto, *Estudos Alemães* [org. Luiz Antonio Barreto]. 1.ed. Rio de Janeiro, Editora Diário Oficial, 2012.

NASSER, Eduardo. *Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser*. São Paulo, Edições Loyola, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ein Neujahrswort an den Herausgeber der Wochenschrift “Im neuen Reich”*, in *Musikalisches Wochenblatt: Organ für Musiker und Musikfreunde*. IV. Jahrg. n.3, Leipzig am 17 Januar, 1873.

NUNES, B. *Farias Brito. Trechos escolhidos*. Livraria Agir Editora, RJ, 1967, p. 15.

RIBEIRO, João. *Frederico Nietzsche. Almanaque Brasileiro do Garnier*, Rio de Janeiro, 1904. Versão atualizada in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, 2014, n. 34 - vol. II, p. 137-144.

_____. *A Filosofia no Brasil. Revista do Brasil*, nº 22, vol. VI, Rio de Janeiro, 1917.

RIO, João do. *O momento literário*. H. Garnier, Livreiro Editor. Rio de Janeiro, 1907.

ROMERO, Sílvio e RIBEIRO, João. “III As influências estrangeiras”, in *Compendio de História da literatura brasileira*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1906.

_____. *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. LAEMMBRT & C. EDITORES, Rio de Janeiro, Casas filiais em S. Paulo e Pernambuco, 1897.

_____. *A Filosofia no Brasil: Ensaio Crítico*. Porto Alegre, Tipografia da *Deutsche Zeitung*, 1878.

_____. *Zéverissimações ineptas da crítica* (repulsas e desabafos). 1º série. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909.

_____. *O Brasil social e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

ROBERTY Eugène de, *Frédéric Nietzsche. Contribution à l'histoire des idées philosophiques et sociales à la fin du XIXème siècle*, Paris, Alcan, 1902.

VERÍSSIMO, José. *A ressurreição da metafísica*, in *O Imparcial*, RJ, 11 de janeiro de 1913.

_____. “A retórica de Nietzsche”, in *Homens e coisas estrangeiras 1899-1908*. TOPBOOKS, Rio de Janeiro, 2003.

_____. “Alguns aspectos da moderna evolução alemã”, in *Homens e coisas estrangeiras 1899-1908*. TOPBOOKS, Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Um Nietzsche diferente*, in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1903. Transcrição disponível in *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.I n.35, p. 125-132, 2014.

WYZEWA, Téodor de. *Frédéric Nietzsche, le dernier métaphysicien*, in *Revue Bleue*, 1891, n. 48, 1891.

Geraldo Dias
UNIFESP
ge.pdias@hotmail.com
São Paulo – SP